

Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 22ª Reunião Ordinária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social - CDES

Palácio do Planalto, 17 de julho de 2007

Na última reunião do Conselho eu tinha prometido que ia assistir a toda a reunião. Acontece que justamente hoje chega o Príncipe das Astúrias ao Brasil e eu tenho um compromisso com ele a partir do meio-dia e não posso ficar nem mais um minuto com vocês, como já dizia Adoniran Barbosa.

Companheiro Walfrido,

Meu caro Dimitris Dimitriadis, presidente do Comitê Econômico e Social Europeu,

Convidados italianos,

Convidados do Comitê Econômico e Social Europeu,

Meu caro Chacho Álvarez, nosso grande comandante do Mercosul,

Meus amigos conselheiros brasileiros,

Empresários,

Dirigentes Sindicais,

Eu queria, sobretudo, enaltecer aqui a presença do João Paulo Reis Velloso e do Delfim Neto, porque depois de tantos anos na política, poderiam não ter disposição de participar de mais uma discussão de tantas que participaram, umas melhores, outras iguais, outras piores mas, de qualquer forma, o interesse de vocês pelo debate econômico e político é uma coisa gratificante em função até do que disse o companheiro Oded Grajew, do desestímulo que muitas vezes nós vemos na juventude brasileira, de participar da vida política.

Eu tinha um discurso escrito, mas resolvi não fazer o discurso, porque eu queria ter uma conversa com vocês.

Eu estive na semana passada, retrasada, na verdade, em Portugal, em Lisboa, onde firmamos o compromisso da parceria estratégica entre a União Européia e o Brasil. É importante lembrar que antes dessa parceria estratégica,

a União Européia só tinha parceria estratégica com a Índia, com a Rússia e com a China, se não me falha a memória. E isso é muito importante porque é um passo para que a gente possa, aperfeiçoando as nossas relações, fazer com que haja essa parceria estratégica entre União Européia e o Mercosul, que é o nosso segundo passo.

A segunda coisa foi a minha ida a Bruxelas para discutir a questão dos biocombustíveis. E aqui eu queria, Walfrido, dar os parabéns pelo fato de vocês terem criado esse grupo de trabalho e dizer, Artur, que na coordenação de um grupo de trabalho dessa magnitude é preciso que se junte o que há de melhor no Brasil, porque esse será um acontecimento inexorável. Podem chorar, podem brigar, podem contestar, podem contar mentiras contra o Brasil, podem inventar o que quiserem, será inexorável. Nos próximos 20 anos os biocombustíveis serão uma realidade no planeta Terra. Não que isso vá acabar com o petróleo, pelo contrário, também não queremos acabar, até porque o Brasil investe cada vez mais para ser auto-suficiente, é por isso que a Petrobras investe tanto. Mas o que nós queremos é mostrar que a utilização do biodiesel é a forma mais eficaz para diminuir a emissão de CO₂.

Eu disse lá em Bruxelas que era preciso, e a indústria automobilística pode contribuir, o Miguel Jorge já está trabalhando nisso, se a gente for fazer uma comparação entre os avanços tecnológicos do euro 3 para o euro 4, ou do euro 4 para o euro 5, o que significa o encarecimento do produto para o consumidor e o que significa cada engenharia dessas, que aumenta o preço do caminhão em 15%, em 10%, e diminui apenas 3% do CO₂, é preciso que a gente compare o que significa a diminuição de CO₂, introduzindo 10% de etanol na gasolina ou 10% de biodiesel no óleo diesel no mundo inteiro. Eu não tenho dúvida nenhuma de que é a forma mais eficaz, a forma mais prudente, economicamente mais correta, ambientalmente mais correta, e como distribuição de riqueza e de renda, é a mais correta.

Portanto, eu acho Artur, que você está com um bom “pepino” na sua mão para discutir. E aí vai ter que discutir a questão da propriedade no Brasil, se as pessoas vão poder comprar as nossas terras ou se essas terras vão ter que ficar nas mãos de brasileiros. É preciso, Márcio, toda uma discussão, como disse o ex-ministro João Paulo Reis Velloso, é preciso ter uma estratégia para que a gente se consolide não apenas pelo *status* de termos sido pioneiros, e

manter, não o *status* de pioneiro, mas o *status* de deter a estratégia correta para que a gente possa não apenas ajudar o Brasil, mas ajudar os países em desenvolvimento, ajudar os países africanos e, obviamente, contribuir com o Planeta. Eu acho que essa é uma coisa extraordinária.

Quais são os problemas que têm sido levantados contra o Brasil? O primeiro é um problema de alimentos, ou seja, nós, na hora em que estivermos produzindo biodiesel, vamos causar problemas de alimentos no mundo. É importante só lembrar que esses 850 milhões de seres humanos que passam fome hoje, não é pela inexistência de alimentos, é pela inexistência de renda para comprar os alimentos. Até porque hoje nós estamos produzindo cada vez mais em menos hectares. Obviamente que um país com as qualidades do Brasil não vai produzir etanol de milho, mas nós vamos ver que os produtores de milho no Brasil estão satisfeitos, porque quando o Bush produz lá, eles já estão vendendo a produção de 2009 e fazendo *hedge* com a venda do milho antecipada. Obviamente nós sabemos que o aumento do preço do milho implica o aumento do preço da ração, conseqüentemente implica o preço da carne e o preço de determinados produtos, e nós vamos ter que cuidar disso com muito carinho. Mas não é o caso do Brasil, até porque dos 440 milhões de hectares de terras que nós temos disponíveis, a cana ocupa hoje apenas 1%, ou seja, não tem nenhum sentido essa discussão. E eu dizia lá em Bruxelas que os portugueses eram tão inteligentes que trouxeram a cana para cá há 470 anos e não foram para a Amazônia, porque sabiam que o solo e o tipo de umidade que tem na Amazônia não permitem que se produza cana-de-açúcar como se produz em São Paulo, como se produz no Centro-Oeste brasileiro. Então, essa é uma discussão que vamos ter que fazer. Eu queria alertar vocês, a coisa mais fantástica é ver um ex-ministro falando, porque muitas vezes a gente fala com a experiência de um lado e isso parece uma moeda de um lado só, mas a moeda tem que ter cara e coroa. Então, é importante a gente estar dos dois lados para saber quantas coisas equivocadas a gente fala por falta de informação.

Eu, Artur, pego a minha experiência de 20 anos no movimento sindical, e fico olhando a quantidade de coisas que eu falei e falava porque era moda falar, mas que não tinham substância para sustentar na hora em que você pega no concreto. Na hora em que você entra no “pão-pão, queijo-queijo” tem

uma diferença, e tem determinadas coisas que não podem ser um debate eminentemente ideológico, ele é real. Hoje nós poderíamos discutir que os produtores de cana-de-açúcar vão ter que sentar com o governo e com os trabalhadores para discutir a humanização do trabalho no campo, e discutir com muito carinho, sabem por quê? Porque para os empresários fica mais fácil mandar os trabalhadores embora e comprar máquinas. E cada uma dessas máquinas vai dispensar, não é Manoel, 90 trabalhadores. E eles estarão atendendo a um apelo daqueles que são contra o trabalho não-humanizado e estão deixando os trabalhadores na rua da amargura. É aí que entra o papel do movimento sindical, do governo e dos empresários. Como é que a gente vai encontrar um denominador comum para não permitir que, nesse momento de ouro que vive a questão do etanol e do biocombustível no mundo, a gente aproveite para aperfeiçoar aquilo que nasceu quase que no sufoco, em 1975.

Esse é um desafio que está colocado para nós. Esse debate sobre biocombustíveis é uma coisa extremamente séria, e eu estou pensando até em torná-la ainda mais séria, para que a gente possa dar o *status* de soberania nacional à questão do biocombustível. Não podemos brincar com isso e não podemos permitir que aconteça conosco o que aconteceu com a borracha. Não faz muito tempo, os brasileiros mais refinados mandavam, viu Chacho, lavar suas roupas, no final do século XIX, em Paris. Era uma chiquesa! Hoje ninguém dá importância, mas entre o final do século XIX e o começo do século XX, a elite brasileira, que saía do Sul para tomar conta da borracha no Amazonas, mandava lavar a roupa em Paris. Eram seis meses para ir e para voltar. Imaginem o cidadão ficar esperando uma cueca seis meses, e naquele tempo era ceroulão, era mais complicado, imaginem isso.

Pois bem, como não tinha um projeto estratégico de nação, era apenas uma coisa momentânea daqueles que querem ganhar dinheiro com muita rapidez, a borracha foi embora e o Brasil perdeu importância, perdeu hegemonia e ficamos sem tirar proveito daquele momento extraordinário. Os biocombustíveis são outra coisa. Até agora, não é Paulo Skaf, as pessoas tratavam o etanol com um certo desdém, era uma coisa só brasileira. Na década de 90 produzimos 90% de carro a álcool, depois também desprezamos, o brasileiro gostava de carro mais envenenado, dizia que o carro não pegava de manhã. Então, parou-se de produzir carro a álcool. O sindicato, diga-se de

passagem, os trabalhadores metalúrgicos deste País, começaram a fazer propostas de reestruturação da frota de automóveis, da renovação da frota, da introdução do carro “verde” na frota. Quem é da indústria automobilística, o Miguel Jorge estava lá, sabe que era assim.

Pois bem, nós fizemos uma revolução, o *flex-fuel*. Hoje virou coisa bonita falar de *flex-fuel*, todo mundo quer um carro *flex-fuel*, a indústria automobilística está satisfeita, o consumidor está satisfeito, e nós temos um parâmetro agora para controlar. Na hora em que o álcool está 70% do preço da gasolina, não é bom colocar álcool no carro. Então, o álcool tem que estar sempre um pouquinho mais barato que os 70% da gasolina.

Então, nós encontramos um filé mignon importante para ter uma base de desenvolvimento no setor que pode ser estratégico, se assim nós o definirmos. Tem muita coisa para fazer ainda, mas é importante lembrar que em janeiro do próximo ano já começaremos a introduzir 2% de biodiesel no óleo diesel. É importante lembrar que no Rio de Janeiro já tem 3 mil ônibus andando com 5% de biocombustível no óleo diesel. E nós não colocamos mais, não é meus companheiros da indústria automobilística, porque a indústria automobilística teve medo e o governo teve cuidado. Então, ficamos muito acanhados quando poderíamos ter introduzido uma quantidade muito maior e ter nos preparado com mais antecedência. Um aviso aos dirigentes sindicais: é importante, enquanto o Plano é recente, é uma política nova, que a gente trate de trabalhar para aperfeiçoar essa relação entre capital e trabalho, para que a gente possa fazer do biodiesel não apenas um novo combustível, mas uma política de inclusão social mais moderna no campo brasileiro, e não permitir que venha alguém dizer que tem trabalho escravo neste País.

Então, a questão dos biocombustíveis, estejam certos, estou indo para o México, agora, para discutir biocombustíveis, vou para Cingapura discutir biocombustíveis, vou para a Nicarágua discutir biocombustíveis, vou para a Jamaica discutir biocombustíveis, vou para o Panamá discutir biocombustíveis, depois eu vou para os Países Nórdicos discutir biocombustíveis. Quem quiser falar comigo agora, fale o que quiser, mas vai ouvir sobre os biocombustíveis, porque eu acho que o Brasil não pode abrir mão de dominar. E logo, logo o Piva vai estar anunciando que as indústrias de papel e celulose vão pegar um pouco dos eucaliptos para que a gente possa produzir biocombustível também

de eucalipto, ou seja, nenhum país do mundo tem as condições que tem o Brasil. Se a gente imaginar que o crescimento de uma árvore lá na Finlândia demora 60 anos para crescer, e que aqui no Brasil a gente a corta com sete anos, pode até pagar um pouco mais de imposto, porque a vantagem comparativa favorece amplamente os empresários brasileiros. Sobre o biocombustível nós precisamos fazer um debate sereno, a gente não pode desprezar os que são contra, achar que eles estão errados. Não, vamos conversar, porque tem coisas a serem acertadas na questão ambiental, na questão de alimentos mesmo. Tem coisas a serem acertadas.

Uma outra coisa importante é a reforma política. Dom Demétrio, eu vou lhe dizer uma coisa de coração. Em função do cargo de presidente, nem sempre a gente pode falar tudo que a gente pensa, quando se trata de reforma política. Eu acho que a reforma política é imprescindível para que a gente possa arrumar este País, ela é imprescindível porque nós precisamos acabar um pouco com a hipocrisia neste País. Vejam, se a gente for conversar com empresários pelo Brasil inteiro, está cheio de empresários com bancada de deputados, com bancada de senadores, com bancada de vereadores, de prefeitos, porque a lógica política é assim, a lei permite. Então, se nós quisermos moralizar, nós precisamos ter coragem de discutir o financiamento público. É mais barato, é mais fácil de controlar. E aí o cidadão eleito não fica devendo favor a ninguém.

Certamente que isso não pode acabar com tudo, mas é um passo extremamente importante, a representação, o número de pessoas por estado, a quantidade de anos do mandato, tem muita coisa para ser discutida e que eu, durante determinado tempo, comecei a discutir, depois achei que não era uma coisa do Poder Executivo tentar determinar os partidos políticos e a discussão sobre reforma política. Mas eu acho que a sociedade organizada pode constituir uma plataforma de reforma política e fazer o debate com os partidos políticos.

Eu, muitas vezes, tenho dúvida, porque é a questão da legislação em causa própria. Vocês estão lembrados que na Constituição de 88 nós tínhamos o debate se a Constituição seria livre e soberana e à parte do Congresso. Nós a fizemos juntos, então, normalmente ela sempre vai cometer benefícios ou malefícios em função da necessidade de sobrevivência de quem está

legislando em causa própria. Essa é uma discussão que eu acho que a sociedade deveria fazer com os partidos políticos. O movimento sindical não deveria ver isso como uma coisa menos importante e colocar na pauta para discutir com os partidos políticos. E reforma política é como reforma tributária, cada um tem a sua. É sempre difícil você juntar, é como se você estivesse montando um quebra-cabeça, mas sempre haverá possibilidade de nos aproximarmos de um modelo. A minha tese é de que sem a reforma política as outras sempre ficam mais difíceis. Essa é a minha tese, de que a reforma política é o começo para mudar este País, e eu penso que a grande discussão deveria ser feita com os partidos políticos. Aí não tem coloração ideológica, você vai encontrar em todos os partidos, de esquerda ou de direita, gente pensando de forma diferente, gente vendo a reforma política diferente, mas é preciso que a gente tenha habilidade de encontrar um denominador comum. Por quê? Porque a reforma política vai permitir que a gente possa fazer outras reformas. E aqui eu queria dizer aos meus companheiros do Conselho. Vejam, nós não temos por que ter medo de discutir qualquer que seja a reforma. Nós temos agora um fórum que está discutindo a Reforma da Previdência. Eu não sei o que vai sair de lá, mas vai sair alguma coisa.

A Reforma Trabalhista, obviamente, se continuar do jeito que está, de um lado um grupo de empresários achando que é preciso rasgar a CLT e fazer tudo novo, de outro lado os dirigentes sindicais achando que têm que manter a CLT e colocar mais coisas. Não dá acordo. Então, eu sugiro que este Conselho possa permitir que os trabalhadores apresentem uma proposta, porque não é possível que o Getúlio Vargas tenha tido a onipotência de Deus de, em 1940, fazer uma lei que prevaleça no mundo do trabalho de hoje na sua totalidade. Muitas coisas podem ser aperfeiçoadas em função da realidade, sobretudo, do surgimento de uma coisa chamada setor de serviços, em função Neto, de uma coisa para a qual os dirigentes sindicais já estão atentando, de que hoje nós temos mais gente na economia informal do que na economia formal e precisamos dar a resposta para eles de que hoje temos milhões de jovens que querem adentrar no mercado de trabalho e não conseguem, muitas vezes, pelas condições exigidas. Ou nós discutimos isso para dizer: olha, nós não queremos mudar, nós queremos mudar, ou achar um meio-termo. E aí os empresários preparam a deles, os trabalhadores preparam a deles e aí nós

costuramos um denominador comum. Do contrário nunca haverá mudança, vai ficar essa situação que já perdura há uma ou duas décadas, e quanto mais houver evolução tecnológica, mais o setor de serviços vai ganhar espaço, portanto, as condições de trabalho terão que ser discutidas. E discutir sem medo, porque muitas vezes a discussão, quando começa equivocada, é uma desgraça. Eu aprendi Feijóo, que se a gente não cuidar de uma criança até os primeiros seis anos de idade, se não der as calorias e as proteínas necessárias, ela pode ter seqüelas cerebrais para o resto da vida. Então, é por isso que a gente manda a mãe dar o peito, é por isso que a gente quer que a criança coma bem.

Ora, na política, se as coisas começam a ser discutidas corretamente, a gente pode concordar ou não concordar, mas se a discussão for feita corretamente, todos ganharão com o resultado. Duro é quando a gente não quer nem discutir, duro é quando a gente não se dispõe a fazer uma discussão madura para saber se é isso mesmo, em que um prove ao outro que está certo. E este fórum aqui, é um fórum privilegiado. Sabe por que eu o acho privilegiado, Neto? Eu não sou tão antigo assim, mas eu sou do tempo em que eu ia à Fiesp negociar, Paulo Skaf, e os empresários nem sentavam perto da gente. O Jorge Duprat Figueiredo era duro na queda, era como se tivesse dois blocos de inimigos ali. E hoje eu vejo o avanço que tem nas negociações, as pessoas sentam, divergem, discutem, cada um dá a sua declaração. Eu vejo aqui todos vocês juntos, obviamente que cada um tem a defesa dos seus interesses, do seu setor, mas antes de tudo são seres humanos civilizados, são seres humanos brasileiros, que querem encontrar uma solução melhor para o Brasil como um todo.

Essas são reformas de que nós não escaparemos, e a Reforma Tributária, companheiros, vai sair. Eu só temo que as discussões da Reforma Tributária também sejam sempre assim, porque nós precisamos melhorar a saúde, precisamos melhorar a educação, precisamos desonerar isso, desonerar aquilo, mandar muito servidor público embora, porque precisa enxugar o Estado e baixar os impostos. O meu medo é que nem sempre a conta fecha. Isso é como o balanço de uma empresa, se o Abílio Diniz não vender mais do que compra no Pão de Açúcar, ele está “desgramado”, vai chegar a hora em que vai ter que fechar a porta, ele precisa vender. O Estado

brasileiro, e o João Paulo Reis Velloso disse bem, é preciso que a gente vá demarcando, na Reforma Tributária, as coisas que são essenciais, as coisas que são quase prioritárias, porque não é uma questão apenas nacional, municipal ou estadual, é uma coisa delicada entre os três níveis. Eu estou querendo, há três anos, reduzir o preço do gás de cozinha para a dona-de-casa, e cada estado cobra imposto sobre o GLP. Tem de 32 a 12. E aí não adianta a minha vontade política, ou o governador se dispõe a abrir mão daquela receita ou não tem, e eu vou ficar na vontade.

Eu acho que nós estamos avançados, nós construímos um clima, junto à sociedade, de que é possível, se não fazer a reforma perfeita, fazer aquela que é mais, eu diria, adequada para o momento que estamos vivendo, senão a gente esquece das conquistas que tivemos. E aqui vocês não esqueceram que no dia 1º de julho entrou em vigor a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que já é uma pequena reforma tributária, já é uma pequena reforma trabalhista, porque a gente esquece das conquistas. A nossa ânsia de conquistar tudo ao mesmo tempo é tão grande que a gente marca um gol, nem comemora e já está querendo marcar outro. Vamos comemorar primeiro, depois a gente marca o outro gol.

Eu diria, então, que o clima é esse. Eu acho que este Conselho, neste segundo mandato, pode ser muito mais produtivo, muito mais, eu diria, ousado do que fomos. Vocês estão lembrados que quando começamos aqui, em 2003, houve uma ciúmeira no Congresso Nacional, de que eu estava criando um instrumento para fazer frente ao Congresso Nacional, com quem vocês iam competir. Bom, depois de quatro anos e meio, provou-se que vocês não querem competir com o Congresso Nacional, não querem substituir o Ministério Público, não querem competir com o Supremo Tribunal Federal, não querem competir com o presidente da República. O que vocês querem é apenas contribuir com o aprendizado que vocês tiveram, nas mais diferentes funções, para que a gente possa aperfeiçoar as instituições democráticas no nosso País.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, eu queria terminar dizendo para vocês uma coisa importante. Quero dizer para vocês que também é inexorável – de vez em quando eu aprendo uma palavra difícil e a repito muito, inexorável eu acho o máximo – a sustentabilidade do crescimento econômico

brasileiro. Aqui eu poderia avocar os empresários, poderia chamar o Delfim Neto, poderia pegar o Guido Mantega, poderia pegar o Piva, poderia pegar o Paulo Skaf, poderia pegar qualquer um, poderia pegar o dirigente sindical mais antigo que tem aqui, nós vivemos um momento excepcional na economia brasileira, reconheçam isso para a gente exigir as outras coisas que precisam ser feitas.

Eu nunca tive, na vida, oportunidade de discutir economia neste País sem que a gente não estivesse, primeiro, discutindo a maldita inflação. Depois a inflação foi embora e ficamos discutindo a maldita dívida externa. Depois ficamos discutindo o maldito FMI e discutíamos os malditos juros. A verdade é que tudo isso está se exaurindo. A verdade é que logo, logo, Delfim, nós, que fomos deputados constituintes e vimos lá uma proposta de que os juros deveriam ser 12% na Constituição, os juros reais hoje já são bem menos do que isso, já estão em 8%. E poderemos chegar a muito menos se a gente não quiser tomar um envelope de comprimidos de uma única vez, porque o problema é esse, o problema é que quando a gente levanta – não sei se vocês já levantaram com dor de cabeça ou se já tiveram uma dorzinha quando fizeram ginástica – a gente vai ao médico e fala: “doutor, me dá um comprimido.” Ele dá um. “Mas só um? Me dá logo dois.” “Não, é um de cada vez.” Ou seja, mexer na política econômica, a gente sabe que, por mais que a situação esteja tranqüila, nós não vamos rasgar nota de 100, nós não vamos dar nenhum passo que possa significar, amanhã, um tropeço maior para a gente quebrar a cara e ter que voltar atrás. A volta atrás é muito pior.

Então, se as coisas estão certas até agora, se nós estamos tão perto de atingir tudo aquilo que a gente queria atingir – crescimento acima de 5%, juros em padrões internacionais – por que a gente tem que se precipitar? Por que a gente tem que mudar e tentar dar um rompante, fazer aquela mágica em que, depois, não aparece nenhum coelho? Aparece uma cacetada na nossa cabeça. Então, nós estamos tranqüilos, da parte do governo, nós estamos tranqüilos, sabendo o que vai acontecer neste País, sabendo o que queremos que aconteça neste País. E vamos fazer as coisas para quando alguém entrar, a partir de 2010, pegar este País totalmente acertado, com taxa de crescimento que seja motivo de orgulho, com mais distribuição de renda, com mais política social. Esse é o desafio que está colocado para nós. E eu estou muito à

vontade porque se tivesse eleições em 2010 e eu fosse candidato, aí diriam: é porque o Lula tem interesse. Graças a Deus, vocês não sabem o peso que eu tirei das costas pelo fato de saber que não sou mais candidato. Então, estou muito mais à vontade para fazer as coisas, Feijóo, e eu quero que os trabalhadores brasileiros sintam orgulho de terem participado desse processo, mas quero que os empresários também tenham orgulho de terem participado desse processo, onde o empresário ganhou, o trabalhador ganhou e, no fundo, no fundo, aqueles que não são empresários e que não são ainda trabalhadores, adentrem no mercado de trabalho e tenham uma política social para dar sustentabilidade para essas pessoas viverem dignamente.

Este País nunca esteve tão próximo de ser construído. Eu acho que nós nunca tivemos um momento tão especial de fazer este País dar certo, o que era o sonho de todo mundo. Agora, isso também não acontece... eu diria que isso vai-se construindo, são os anos e a maturidade dos governantes que vão construindo. O Miguel Jorge rapidinho aprendeu a diferença do lado de lá e a diferença do lado de cá. O Guido, eu já tive o Guido em três posições diferentes no governo: ministro do Planejamento, era um cidadão; presidente do BNDES, era uma outra figura importante; ministro da Fazenda, mais juízo, mais responsabilidade. Por quê? Porque é menos discurso e mais prática. Em determinados cargos, a gente não diz aquilo que pensa nunca, a gente faz quando pode, e se não pode, a gente deixa como está para ver como é que fica.

Eu só quero passar essa segurança para vocês. Ontem, Delfim, por exemplo, eu estava conversando com o Guido sobre o fato da gente chegar a 150 bilhões de dólares de reserva. Isso não é pouca coisa, obviamente que eu não posso gastar esse dinheiro como eu gostaria, eu tenho tanta coisa na cabeça para esse dinheiro, mas esse dinheiro é uma reserva que a gente vai ter que segurar, porque é ele que vai dar estabilidade para fazer outras coisas. Ontem o Guido me dizia que a entrada de capital aqui no setor financeiro foi de 45 bilhões de dólares. Eu lembro do dia em que entravam 18 bilhões e se comemorava: ah, no Brasil entraram 17 bilhões, 15 bilhões. Agora entram 45 e nós estamos achando ruim. É por isso que o câmbio tem dificuldades de se manter na taxa em que todo mundo gostaria, os exportadores. Por quê? Porque com essa entrada de dólares, o Banco Central pode comprar, pode

comprar e nós vamos ter que aguardar, com muita paciência, que o dólar se acomode. É assim, precisa ser assim, e não peçam para fazer nenhuma medida intempestiva, porque o equilíbrio e a maturidade é o que pode garantir que o Brasil... era importante, viu Paulo, que os assessores da Fiesp, da Fiemg, viu Robson, começassem a estudar, porque a gente, muitas vezes, fala da valorização do real, mas não fala da desvalorização do dólar, não com o real, com quase todas as moedas do mundo. E nós, viu Delfim, pegamos o real no pico dos quatro, quando a gente devia pegar o real na média, e nós vamos perceber que a diferença não é tanta, mas esse negócio de percentual, a gente utiliza da forma que a gente bem entende, como melhor interessar, sobretudo em época política, a gente utiliza aquilo que mais nos favorece.

Eu só posso dizer para vocês o seguinte, como presidente e amigo de vocês: eu nunca estive com tanta certeza e com tanta convicção de que o Brasil encontrou o seu caminho como estou agora. Agora é só a gente não fazer nenhuma bobagem. Se não tiver nenhuma bobagem, todos nós iremos usufruir deste País que construímos.

Meus parabéns a todos vocês mais uma vez, e muito obrigado pela presença.